

A AMÉRICA DIVIDIDA

Fernando Andresen Guimarães

Neste mundo dividido e nestes Estados Unidos divididos, esta grande cidade de Nova York continua inexoravelmente no seu caminho. A sua vitalidade e dinamismo continuam sem par. Ao mesmo tempo local e símbolo da ferida sofrida no dia 11 de Setembro de 2001 – e considerada um dos mais prováveis alvos de eventuais novos ataques terroristas contra os Estados Unidos –, Nova York é também um campo de batalha na guerra que se trava para ocupar a Casa Branca. A cidade, como o país, prepara-se para as eleições de Novembro, as primeiras desde o 11 de Setembro. Dentro de um mês, esta cidade – que tem tão pouco a ver com o resto do país em que se encontra – receberá um pequeno exército de americanos fiéis a George W. Bush, aparentemente sem receio de virem para o coração da cidade depravada. Em Madison Square Garden, o Partido Republicano nomeará oficialmente o seu candidato à Presidência, George W. Bush. Lá fora, nas ruas de Manhattan, estarão concentradas – se o *mayor* Bloomberg deixar – as multidões que se lhe opõem. Esta cidade de coração liberal como palco para a nomeação do

candidato da direita? Como é que se chegou a este ponto?

ILUSÃO...

Aqui caíram as Torres Gémeas. Por esta razão certamente foi a cidade escolhida para o congresso do Partido Republicano. Nessa ocasião, o Presidente dos Estados Unidos fará, com certeza, novos apelos patrióticos às emoções deixadas pelo 11 de Setembro para enquadrar e justificar a política estrangeira e militar da sua Administração. A associação entre o terrorismo da Al-Qaida e a ditadura de Saddam Hussein produziu aqui bons resultados políticos, pelo menos no princípio. No ano passado, a maioria dos americanos sondados dizia acreditar que Saddam estivera envolvido nos ataques de 11 de Setembro. Para o Vice-Presidente Dick Cheney, a história de uma conspiração em Praga entre os terroristas do 11 de Setembro e o Iraque era demasiado boa para ser abandonada, mesmo em face de repetidos desmentidos categóricos por parte da comunidade dos serviços secretos e dos inquiridos da comissão sobre o 11 de Setembro e do Senado. Ao mesmo tempo que a crise ira-

quiana levava os Estados Unidos à rotura com vários dos seus principais aliados – e a uma vasta e clara oposição popular pelo mundo fora – os americanos, na sua maioria, diziam-se apoiantes do seu Presidente e das suas guerras.

Mas será que este apoio se manterá nas eleições presidenciais? Após um Verão político muito quente, que começou com as imagens chocantes de Abu Ghraib contrapostas, insolitamente, ao fenómeno mediático-psicológico do enterro do ex-Presidente Reagan, a única conclusão que se pode tirar com alguma certeza é que os eleitores americanos – mais divididos talvez do que em qualquer outra altura da sua história recente – se prepararam para uma das eleições mais significativas das suas vidas.

...E DESILUSÃO?

Há cerca de um mês, pela primeira vez desde o Vietname, sondagens indicavam que uma maioria da população estaria contra o envolvimento dos Estados Unidos numa guerra estrangeira. É óbvio que as coisas não correm bem no Iraque e os americanos começam a aperceber-se disto. Mas daí a votar contra o Presidente em tempo de guerra vai um passo largo. Serão tidas em conta também outras considerações, nomeadamente económicas. Por um lado, os reembolsos fiscais foram bem apreciados, pelo menos a curto prazo. Mas a substituição de um *superávit* impressionante por um *défice* gigante e o facto de as políticas de Bush não terem feito crescer o emprego não falam muito a seu favor. Para além disso, os Estados Unidos estão hoje extremamente polarizados, sendo

cada vez mais evidentes as divisões políticas, sociais, económicas e culturais entre os americanos sobre qual a sociedade em que vivem e a que desejam construir.

Não devemos esquecer que estas divisões são, em grande parte, anteriores ao 11 de Setembro e à invasão do Iraque. A América hoje é uma América com pólos extremos de oposição e com pouco terreno comum. Ou se é contra ou a favor. As sondagens públicas revelam níveis de partidarismo sem precedentes: 85 por cento dos republicanos adoram Bush, 79 por cento dos democratas odeiam Bush. Neste clima, as opiniões profissionais consideram que a vitória eleitoral virá de um apelo às bases e não ao centro. Isto não era assim.

UM PARÊNTESE: A ASCENSÃO DOS RADICAIS

A eleição contestada de Bush em 2000 deixou grande amargura. Mas as forças em conflito – então e agora – já há muito estavam em combate. A crescente influência no Partido Republicano dos conservadores sociais e dos ideólogos económicos coincidira com a administração democrata de Bill Clinton. Para os novos republicanos, não podia ter corrido pior: um democrata na Casa Branca a governar com responsabilidade fiscal durante um período de grande prosperidade. Ao mesmo tempo, os dois mandatos de Bill Clinton acompanharam uma abertura significativa da sociedade americana em termos sociais e culturais. Para a nova direita republicana, a sociedade americana estava em estado de sítio e o inimigo era interno. Só assim se explica o inexplicável caso Lewinsky. Hoje, os polemistas republica-

nos continuam a sua rebelião contra o regime das elites «liberais» (uma curiosa mutação do termo), só que se esquecem (ou fingem esquecer) que são eles – os republicanos – que estão no poder.

A eleição de Bush em 2000 terá resultado, em grande parte, graças a um apelo calculado ao centro, uma lição aprendida com Clinton. Mas, uma vez no poder, Bush largou o conservadorismo moderado com que fez campanha e abriu as portas da sua administração às suas bases mais ideológicas que, pela primeira vez, conseguiram levar à prática as suas teorias mais radicais, incluindo aquela de invadir o Iraque para levar a democracia ao Médio Oriente. De facto, nem durante a Administração Reagan tiveram os radicais da direita tanta influência em Washington.

Agora que o radicalismo da administração de George W. Bush foi exposto, será que a direita republicana irá conseguir a reeleição de Bush sem o centro? Onde está a maioria na América: à direita, à esquerda ou ao centro?

O FACTOR EMOCIONAL

É aqui que entra o factor X, o efeito desconhecido representado pela corrente de acontecimentos que começa com o 11 de Setembro, a guerra contra o terrorismo, o Afeganistão, o «Eixo do Mal», a guerra e derrube de Saddam Hussein e a ocupação do Iraque. Numa palavra, a emoção. Vejamos. O 11 de Setembro possibilitou a guerra no Iraque. Sem aqueles ataques traumáticos que abalaram a sociedade americana até às raízes, é difícil sustentar que Bush estaria em posição de prosseguir tal aventura. Foi uma confluência de correntes e circuns-

tâncias que se uniram e acabaram por prevalecer: o idealismo irrealista dos neo-conservadores a querer reordenar o Médio Oriente através do derrube de Saddam Hussein; o nacionalismo puro de Cheney-Rumsfeld a querer ver afirmado o poder americano; mas, acima de tudo, foi o 11 de Setembro, ataques que exigiam resposta, se não mesmo vingança.

Depois vem o patriotismo dos americanos. Tem o seu lado positivo, demonstrado na solidariedade nacional e força de vontade que se seguiu aos ataques de 11 de Setembro. Para além disso, os americanos têm um forte sentido de dever quando se trata de apoiar sem reservas os seus compatriotas em combate no estrangeiro e, em parte por associação, o seu comandante, o Presidente dos Estados Unidos.

E estas fortes características nacionais têm sido soberbamente exploradas pela Administração Bush e seus apoiantes para calar qualquer crítica às suas políticas depois do 11 de Setembro. As poucas e fracas vozes que se levantaram para questionar a acção no Afeganistão ou a guerra infundável ao terrorismo rapidamente ficaram isoladas e foram ignoradas por uma comunicação social complacente.

Hoje, as vozes de discórdia ouvem-se melhor. O desastre da ocupação do Iraque não pôde ser contido e, pouco a pouco, os americanos foram descobrindo que as razões invocadas para a guerra – armas de destruição maciça, ligações à Al-Qaida – tinham sido baseadas em dramáticas falhas de *intelligence*, se não mesmo em manipulação política. Quem diria que quando o filme de Michael Moore – *Fahrenheit 9/11* – estresse nos cinemas america-

nos no dia 26 de Junho que os recordes de bilheteira iam ser batidos, rivalizando até em popularidade com o polémico filme de Mel Gibson sobre a morte de Cristo?

Talvez o filme de Moore mude as ideias de alguns; um famoso corredor de automóveis do campeonato Nascar recomendou aos seus fãs que fossem ver o filme. Ora, como entre o público que segue aquele campeonato há um segmento político-demográfico importante para os republicanos – os «Nascar Dads» –, talvez este seja um sinal de mudança contra Bush. Mas é mais provável que o filme acabe principalmente por reforçar as opiniões daqueles que já partilham a sua perspectiva.

A realidade é que as emoções de 11 de Setembro e da guerra estão ainda quentes e uma análise política não chega. Tudo está em aberto. Talvez quando este número da R:I esteja publicado, a situação seja mais clara. Mas qualquer que for o resultado das eleições, estas emoções vão continuar a dominar a vida e destino dos americanos durante algum tempo.

ENQUANTO ISTO...

Enquanto isto, a Al-Qaida e aqueles que nela se inspiram continuam a ser uma

grande ameaça e Nova York continua a ser um grande alvo. A Administração Bush já preveniu, embora sem indicações concretas, que ocorrerão ataques terroristas antes das eleições. Talvez queiram sugerir que bin Laden não quer que Bush ganhe, embora o sucesso do radicalismo islâmico durante o primeiro mandato de Bush aponte para a conclusão contrária. Neste contexto, estão presentes os resultados dos ataques de 11 de Março em Madrid, aqui considerados como uma capitulação ao terrorismo. Mas se tiver lugar outro ataque significativo, será que haverá aqui um efeito similar nas eleições? Se for eleito, Kerry certamente mostrará mais respeito pelos aliados. Mas, embora criticando a sua execução, já disse que não iria alterar substancialmente a política em relação ao Iraque. Isto quer dizer que, pelo menos quanto ao Iraque, haverá pouca diferença entre Bush e Kerry. Por outro lado, um ataque terrorista poderá ter o efeito contrário e levar o eleitorado a refugiar-se em Bush. Nesse caso, a Al-Qaida talvez conte com mais quatro anos de recrutamento acelerado. **RI**

NOVA YORK, 21 DE JULHO DE 2004